ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRASILEIRA. JORNAL UNIVERSAL – Publicou-se nos anos 1856, 1858 e 1859, por iniciativa de **António José Fernandes Lopes**[1], também editor do Jornal *O Panorama*[2]. Além de contemporâneas, as duas publicações apresentam muitas outras semelhanças, quer no que toca ao programa editorial, quer no que se refere ao leque de redactores e colaboradores. O que motivaria um editor de meados do século XIX a investir em dois projectos tão semelhantes? O universo de leitores não era amplo: pelo contrário, estava circunscrito a uma "elite" alfabetizada e dotada de alguma capacidade financeira. Seria possível destrinçá-lo? Tudo indica que o editor acreditava que sim, pois o que de forma mais óbvia separa as duas publicações é o formato, a qualidade e, obviamente, o preço. O número de páginas, 8, e a periodicidade, semanal, são comuns. *A Illustração Luso-Brasileira* tem o dobro da dimensão do *O Panorama*, uma gramagem de papel superior – o que lhe dá vantagem no que se refere à dimensão dos textos e das gravuras –, e seu preço de venda, avulso, é de 120 réis, ou seja, quatro vezes superior ao da sua congénere que era adquirida por 30 réis. Destinavam-se, portanto, a públicos diferentes. Tese corroborada também por outros pormenores, pequenas miudezas que escapam a uma leitura mais apressada. Fixemo-nos nos editoriais de abertura para lhe captar as tonalidades discursivas.

Na "Introdução" que, ao fim de sete anos, reapresenta *O Panorama* aos leitores, sublinha-se a natureza "popular" do jornal, "acessível a todas as bolsas e a todos os entendimentos", e assume-se o compromisso de dar continuidade

---

[1] Além de tipógrafo-editor, com casa própria, António José Fernandes Lopes tinha uma livraria na Rua do Ouro, nº 227 e 228. Da sua oficina saíram, além d' *O Panorama* e da *Illustração Luso-Brasileira*, os jornais *O Futuro*, *A Discussão* que se fundiriam para dar lugar *A Política Liberal*. São também da sua lavra uma série de obras notáveis. Uma parte delas é publicitada na *Illustração*, pelo que, para um conhecimento mais detalhado do seu catálogo, sugere-se a consulta do N. º 48, do II Volume, 1858.

[2] A 3.ª série do jornal *O Panorama*, que decorreu entre 1852 e 1858, é da sua iniciativa. As duas primeiras, entre 1837 e 1844, decorrem por conta da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis e encontram-se já disponíveis na Hemeroteca Digital.

a essa política editorial: “O maior serviço que se póde prestar ao paiz é alimentar o fogo sagrado da instrução; (…) despertal-o da somnolencia pela memoria das tradições passadas, e pela promessa do melhoramento, que o porvir promette á constância do trabalho.” O seu propósito de intervenção no tecido social está, por opção, circunscrito à divulgação e não a “fazer a história do estudo”[3].

Diferente é o horizonte da *Illustração Luso Brasileira*, que, ao invés de se apresentar através de uma vulgar “introdução”, fá-lo através de um “intróito”, em forma de diálogo, tecido com requinte e apimentado de insinuações. E o que promete aos leitores: “A *Illustração* não tem pretenções a uma gravidade doutoral**,** nem se compraz nos donaires solemnes e mesuras compassadas das galas officiais. Garrida, apurada, amiga das modas e louçainhas, gosta de dondejar e coquetear de um para outro lado, com os zephiros, com as abelhas, com as flores, - tríplice e galante officina d’onde vem todo o mel. Mas também não se exime da sizudeza onde for precisa. Não é um atheneu; é um locutório; mas um locutório que admitte toda a pratica decente. Quem quer passa, deita os olhos, entra, conversa, e, se leva alguma cousa para meditar, é commodamente reclinada em regaço voluptuoso, e melindrosamente envolta e resguardada entre os ténues recamos e as gazes transparentes d’essa fada etherea, coroada de estrellas e calçada de flores, que se chama imaginação.”[4]

Ainda no que concerne à definição do público destinatário, refira-se que o projecto editorial da *Illustração* não só tem em vista também o público brasileiro, como se propõe abrir as suas páginas à intelectualidade brasileira, objectivo que não alcançará completamente. De facto, o único colaborador brasileiro assíduo identificado, e apenas presente no primeiro ano (1856), é o escritor **Casimiro Abreu**, que se estreia na *Illustração* em Abril com o poema romântico «Minha Terra»[5], datado do mês anterior, Março. Nesse ano ainda,

---

[3] *O Panorama*, S. 3, n.º 1 (5 Set. 1852).

[4] *Illustração Luso-Brasileira*, V. 1, n.º 1 (5 Jan. 1856), p. 1.

[5] *Illustração Luso-Brasileira*, V. 1, n.º 16 (19 Abr.1856), p. 122.

iniciará a publicação do romance-folhetim «Camila»[6], que tem como cenário a cidade do Porto. Infelizmente, a obra ficará incompleta para os leitores da *Illustração*.

Para a sua distribuição no mercado brasileiro, a *Illustração* contava com uma rede de correspondentes estabelecidos nas cidades do Rio de Janeiro, Pernanbuco, Baía, Ceará e Pará[7]. Refira-se ainda que em 1859, António José Fernandes Lopes contará com o apoio da *Sociedade Madrepora*[8], de portugueses instalados no Rio de Janeiro, que adquirem 200 assinaturas anuais. Os jornais assim adquiridos destinavam-se a premiar os alunos que melhor se distinguissem em cada escola do reino, isto é, em Portugal, às mãos dos quais chegariam por via dos respectivos professores. A *Sociedade* delega na direcção da *Illustração* a liberdade de seleccionar os professores[9].

Do ponto de vista estritamente empresarial, e apesar dos apoios angariados, a aposta de António José Fernandes Lopes não se pode considerar bem sucedida, como dá testemunho a interrupção da *Illustração* no ano 1857 e seu fim definitivo em Dezembro de 1859.

No primeiro caso, o editor justifica-se com uma falta de papel, entre outras "ponderosas razões". Entre estas, e a julgar pelos repetidos «Avisos» que faz publicar no fim de cada número, estava a falta de pagamento por parte dos assinantes e a não renovação das assinaturas. Mas, na «Introdução» que marca o reaparecimento da *Illustração* em 1858, outra razão é invocada: "a falta de condigna retribuição por parte de alguns correspondentes". E verificam-se também algumas mudanças que indiciam um esforço de adaptação ao mercado e, possivelmente, de contenção de despesas. Refiro-me, por um lado,

[6] *Illustração Luso-Brasileira*, V. 1, n.º 26 (28 Jun. 1856), p. 202.

[7] *Illustração Luso-Brasileira*, V. 1, n.º 25 (21 Jun. 1856), p. 200.

[8] A primeira vez que a ela se refere, no N.º 2, do III Volume, designa-a por «Sociedade Madre Pura», mas no N.º 8 seguinte o nome é rectificado.

[9] Vol. III, n.º 2, p. 16. Nos números seguintes o jornal vai dando conta - indicando o distrito, o concelho, a terra e o nome do professor - da distribuição realizada.

à redução, em 25%, do preço de venda do número avulso[10] e, por outro, ao facto de desaparecer a "ficha técnica" e a maioria dos textos, independentemente da sua natureza, não apresentar assinatura[11].

Para um conhecimento mais aprofundado da análise que o editor faz do mercado nacional, recomenda-se a leitura das "introduções" que têm sido referidas, sobretudo a que abre o ano 1859.

Em Dezembro daquele ano derradeiro, quando o editor informa que a publicação será interrompida, invoca motivos pessoais relacionados com o falecimento da sua esposa e a necessidade imperiosa de assumir os seus deveres paternais. Que não eram menores, diga-se: 8 filhos, o mais velho dos quais com apenas oito anos de idade.

Debrucemo-nos agora sobre a substância propriamente dita. A *Illustração Luso-Brasileira* apresenta uma parte que se pode considerar noticiosa e uma parte literária. No primeiro ano, a matéria noticiosa distribui-se fundamentalmente por três rubricas: «**Revista Política**», assinada por «M.»[12], que faz eco dos conflitos militares que envolvem as potências ocidentais[13]; «**Crónica Semanal**», de **Ernesto Biester**[14], que acompanha, a actualidade

---

[10] Sublinhe-se, no entanto, que a assinatura anual em Lisboa e províncias, ao invés, aumenta; mantendo-se inalterável no ultramar e estrangeiro.

[11] Esta situação é particularmente evidente até ao N.º 35, do ano 1858, constituindo excepção a comédia «À tarde entre a murta», de João d'Aboim; o ensaio «José Félix Nogueira», assinado por José de Torres; a biografia sobre «O Principe de Tiberiade», redigida por Alfredo Hogan; a «Descripção e recordações históricas do paço e quinta de Queluz», pelo Marquez de Rezende; e quatro poemas de António Mendes Leal, um de João Dantas de Souza, um de Júlio César Machado, dois de J. A. Xavier de Magalhães e dois de H.V.D, cuja identidade é desconhecida.

[12] Deste autor, não identificado, destaca-se também um ensaio notável sobre matéria ambiental: «A Desarborização e os Climas», publicado no N.º 27, do I Vol, p. 212.

[13] Esta rubrica desaparece no N.º 15, do primeiro ano, sem adiantar explicações.

[14] Natural de Lisboa (1829-1880), deixou uma vasta obra que como jornalista e como escritor dramático. Colaborou em várias publicações, nomeadamente n'*O Panorama*. Da sua colaboração na *Illustração Luso-Brasileira*, destacam-se, além da referida «Crónica Semanal», os ensaios «Uma viagem á Literatura Contemporânea (Offerecida ao sr. A. Herculano)» que se distribuem por 12 números do Vol. I.

cultural, dando particular destaque às artes cénicas[15]; e «**Noticiário**», dedicado ao comentário da política nacional e de outros "fait-divers", de autoria variável e nem sempre assumida[16].

Nos dois anos seguintes, a matéria noticiosa, apresentada sob a forma de breves referências, concentra-se na rubrica «**História da actualidade**», que abre cada número e se mantém inalterável até ao fim do jornal.

À margem das rubricas atrás referidas, são raros os textos de cariz noticioso. O que domina são artigos sobre "matérias instructivas e de recreio" (biografias, narrativas de viagem, textos sobre cidades, monumentos, instituições, ciência, natureza, moda, etc.) ensaios sobre as mais diversas temáticas, contos, romances, peças de teatro e poesia.

Embora não se possa considerar uma publicação inovadora, a *Illustração Luso-Brasileira* é, pela sua qualidade literária e gráfica, um "caso" representativo da **imprensa romântica ilustrada**. Para tal, não só contribui o empenho do seu editor na promoção do "progresso da civilização", como o leque de **colaboradores** que conseguiu atrair ao seu projecto. A este respeito importa referir que no seu primeiro ano, 1856, o jornal está sob a direcção de Luiz Augusto Rebello da Silva[17], e fazem parte da sua redacção: «Alexandre Herculano[18], A. D'Oliveira Marreca, A. de Serpa[19], A. P. Lopes Mendonça[20],

---

[15] Após o desaparecimento da «Revista Política», a crónica de Ernesto Biester passa a dedicar alguma atenção à política internacional e, esporadicamente, à nacional. Refira-se ainda que a partir do N.º 45 a autoria da «Crónica Semanal» passa a ser de um "*asterisco* signatário" e adquire a forma de lista de tópicos.

[16] Desaparece no n.º 7 com a seguinte explicação: «As questões politicas do nosso paiz que nos parecem impróprias de um jornal da natureza do nosso, desmerecem além disso pelo atrazo e forçosa restrição com que são publicadas. Daremos d'ora avante só as que se referirem a assumptos económicos ou factos de grande vulto que possam referir-se singelamente.»

[17] Natural de Lisboa (1821-1871). Da sua colaboração na *Illustração* destaca-se, no Vol. I, a série «Contos e Lendas» e o ensaio «A arte dramática e o teatro normal».

[18] Alexandre Herculano publicou, no I Vol., sob o título «A Corte de D. João III», três fragmentos inéditos da sua *História do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*.

[19] Deste autor destacamos o texto «Memorias Extemporâneas. Viagem a Lisboa no Século XX», publicado no N.º 13, do I Vol., p. 101.

Ernesto Biester, Francisco Gomes D'Amorim[21], Francisco Pereira D'Almeida, F. M. Bordallo[22], Francisco Romano Gomes Meira, J. M. Latino Coelho[23], J. M. D'Andrade Ferreira[24], J. S. Mendes Leal, J. de Torres[25], L. Fillipe Leite[26], L. A.

---

[20] António Pedro Lopes de Mendonça (Lisboa, 1826-1865) evidenciou-se sobretudo no campo da crítica literária, embora tenha uma obra diversificada. Da sua colaboração na *Illustração*, que se manteve ao longo dos 3 anos de vida do jornal, destacamos a comédia em três actos «Lições para maridos», publicada no II Vol. a partir do N.º 23. A sua obra está também presente no catálogo de António José Fernandes Lopes, conforme é anunciado no N.º 42.

[21] Nasceu no Minho (1827) no seio de uma família de modestos lavradores. Em 1837, seguiu os passos do seu irmão e de outros rapazes, embarcando para o Brasil, em busca de um futuro mais risonho. No Pará, fez-se caixeiro e ganhou o gosto pela leitura. O seu fascínio por Almeida Garrett levaram-no a escrever ao autor. E assim começou uma duradoura relação de amizade. Gomes Amorim regressa a Portugal e Garrett tê-lo-á incentivado a estudar e apresentou-o nos seus círculos de amizade.

Além de ter colaborado em vários periódicos, nomeadamente n' *O Panorama*, deixou uma vasta obra literária, parte da qual dedicada a Garrett. Morreu em 1891. Note-se que o correspondente da *Illustração* no Pará é Manuel Gomes Amorim, provavelmente o seu irmão aí estabelecido.

[22] Francisco Maria Bordallo (Lisboa, 1821-1861) foi oficial da marinha e escritor. Desempenhou várias missões em África e no Brasil, e foi secretário do governo de Macau, experiências que se reflectem na sua vasta obra. Colaborou nas mais relevantes publicações do seu tempo, nomeadamente n'*O Panorama*. Da sua colaboração na *Illustração* destaca-se o texto «Feliz Achado!», publicado no N.º 31, do I Vol., 1856, que introduz a narrativa «As Minhas Calças!», escrita na primeira pessoa e publicada nos números seguintes.

[23] José Maria Latino Coelho (1825-1891), formou-se em engenharia militar e seguiu a carreira das armas, tendo chegado a general. Como escritor notabilizou-se, sobretudo, com obras de cariz histórico e ensaístico. Da sua colaboração na *Illustração* destaca-se precisamente o ensaio «D. Manuel José Quintana e a Litteratura Castelhana Moderna» publicado a partir do N.º 2, do I Vol., 1856, que reflecte o seu pendor Iberista.

[24] José Maria de Andrade Ferreira (Lisboa, 1823-1875) foi um escritor prolífero, mas foi como jornalismo que mais se evidenciou. Foi colaborador d'*O Panorama*. Os textos que publicou na *Illustração* são bastante representativos dos seus campos de interesse. Do conjunto destaca-se os que se centram na crítica dramática e literária, como: «Revista Litteraria do Anno 1855», publicado no N.º 3, do Vol I, p. 18-20; uma série de artigos publicados sob o título «Bibliographia»; e «Lisboa e os espectáculos públicos», publicado no N.º 15, Vol. I, p. 15. Chama-se ainda a atenção para o artigo «O trabalho nas cadeias considerado elemento moralisador», publicado no N.º 13, Vol. I, 1856, p. 98-99.

[25] José de Torres (Ponta Delgada, 1827-1874), além de funcionário público, foi jornalista e escritor. É uma presença regular na *Illustração*, onde publicou dois romances-folhetim - «Alda» (a partir do N.º 48, do Vol. I) e «Constância de Jesuíta» (a partir do N.º 35, do Vol. I) – entre muitos outros textos. Chama-se ainda a atenção para o ensaio «Uma revolução na Índia portuguesa», distribuído entre os N.º 8 e 15, do Vol. III, 1859. Foi também colaborador assíduo d' *O Panorama*.

[26] Luiz Filippe Leite (Lisboa, 1828-1898) foi professor, escritor e jornalista. Colaborou activamente n'*O Panorama*, entre outras publicações. Os textos que publicou na *Illustração* são, sobretudo, de crítica literária. Deles destacamos «Revista Litteraria. I. Portugal e Brazil. Opúsculo Humanitário por B. A. Rio de Janeiro, 1854» no qual analisa o livro de D. Nísia Floresta Brasileira Augusta, publicado nos N.ºs 1 e 2, do Vol. I.

Palmeirim, R. Bulhão Pato[27], Rodrigo Paganino[28].»[29] Mas outros autores são publicados, nomeadamente D. José de Lacerda, Carlos José Caldeira[30], o já referido escrito brasileiro Casimiro Abreu, J. Ramos Coelho, M. Carvalho, J. A. da Silva, M. L. Coelho Guimarães, F. Soares Franco Júnior e João Guilherme Teixeira.

Como já foi referido, a partir do segundo ano de edição (1858), não só desaparece do cabeçalho da *Illustração* o elenco redactorial, como a maioria dos textos deixa de ser assinada. Assim, torna-se impossível garantir a continuidade de todas essas colaborações e até da direcção. Mas, entre os que assinam, além dos indicados na nota 8, está: F. E. Leoni, Ignácio Vilhena Barbosa,[31] J. J. Mendes Cavaleiro, Henrique Van-Deiters, António Maria Garcia Júnior, A. H. de Oliveira Pires, Francisco Duarte d'Almeida e Araújo, F. E. Payant e J. R. de Oliveira Santos.

No que toca à autoria das **ilustrações**, verifica-se uma situação quase inversa. No primeiro ano, 1856, não é praticamente possível identificar autores. De qualquer forma, e considerando que a maioria delas se reporta a temáticas estrangeiras, tudo indica que muitas eram adquiridas fora do país. Tal não

---

[27] Raimundo António Bulhão Pato (Bilbau, 1829 – Lisboa, 1912) é filho do poeta Francisco Bulhão Pato. Da sua colaboração na *Illustração*, destaca-se, entre outros textos de natureza literária, o romance- folhetim «Jorge», publicado entre os N.º 6 e 23, do Vol. I.

[28] Rodrigo Paganino (1835-1863) foi médico-cirurgião pela Escola Médico Cirúrgica de Lisboa. Não obstante o seu grande envolvimento com a sua área de formação – que lhe valeram mesmo o reconhecimento público por relevantes serviços prestados por ocasião da epidemia de febre amarela ocorrida em Lisboa -, Rodrigo Paganino alimentou outros pólos de interesse. A sua colaboração na *Illustração* reflecte isso mesmo. Dela destaca-se, entre outros, o ensaio «A Instrução Pública em Portugal» (N.º 5-7), «Uma operação notável» (N.º 10) e «Os contos do tio Joaquim» (distribuídos entre os N.º 31 e N.º 46), todos no Vol I.

[29] *Illustração Luso-Brasileira*, V. 1, n.º 9 (1 Mar. 1856), p. 5.

[30] O oriente é um dos interesses cultivados por este jornalista e escritor, nascido em Lisboa. Da sua colaboração na *Illustração* destaca-se uma série de artigos sobre a China, publicados sob o título «O reino das flores» e «Macau», todos no Vol. I.

[31] Jornalista, escritor e investigador, Vilhena Barbosa (Lisboa, 1811-1890) é uma presença marcante nos anos 1858 e 1859 da *Illustração*. Da sua pena saíram a maioria dos textos de cariz histórico, versando sobre serras, terras, igrejas, castelos, personalidades, etc.. Foi também colaborador activo d' *O Panorama* e de muitos outros periódicos.

anula em absoluto a colaboração de autores nacionais, mas seriam poucos ainda. Nesse ano de "ensaio", apenas foi possível captar a assinatura de «VIDAL» e, a pretexto de um esclarecimento aos leitores, dois nomes de desenhadores: «Tendo-se espalhado que os desenhos da festa do Passeio Publico que appareceram na *Illustração* era devidos ao lápis do sr. Annunciação, cumpre-nos declarar que pertencem ao sr. Bordallo Pinheiro.»[32]

Após o reaparecimento do jornal em 1858, mais concretamente entre os números 8 e 33 desse ano, esta situação altera-se, pois na legenda passa a constar o nome do autor da gravura. São referidos: Vidal Sénior, J.M. Corrêa, Coelho Júnior, Baracho, Vidal Júnior e Rebello.

Outra novidade são os «Enigmas» e as vinhetas de cariz humorístico, impressas na última página de alguns números, além do caso excepcional das páginas centrais do último número daquele ano, totalmente dedicadas ao humor gráfico. Em nenhum destes casos a autoria não é revelada.

Em 1859 o anonimato mantém-se para todas as imagens. Situação que, de alguma forma, contradiz o objectivo de estimular o desenvolvimento destas artes que o jornal afirma prosseguir: "A *Illustração*, pelas suas largas dimensões, carecendo de gravuras n'uma extensa escala, emprega os artistas que contamos entre nós, estimula por este concurso, onde as obras se põem ao lado umas das outras, á maxima perfeição na arte, e faz nascer desejos nos que se sentem com genio para tão distincta profissão de se entregarem a ella, porque conhecem que alargando-se-lhe o mercado, tem emprego ao seu tempo, e condigna retribuição que anime esses tentames."[33]

Apesar da sua curta existência, a *Illustração Luso-Brasileira* terá conquistado a empatia do público dos dois lados do Atlântico e o favor de uma série de autores de alto gabarito. É uma leitura agradável e, sobretudo, aconselhável,

[32] *Illustração Luso-Brasileira*, V. 1, n.º 30 (26 Jul. 56), p. 240.

[33] *Illustração Luso-Brasileira*, V. 1I, n.º 1 (2 Jan. 1858), p. 1.

para os que pretendem conhecer o que de melhor se produziu na imprensa da segunda metade do século XIX.

Rita Correia

(19/08/2008)

Bibliografia

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

ANDRADE, Adriano da Guerra — **Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. ISBN 972-565-262-2.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima — **Ilustração brasileira (1854-1855) e a ilustração luso-brasileira (1856, 1858, 1859): uma contribuição para o estudo da imprensa literária em língua portuguesa**. [Em linha] Tese de Doutoramento, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, Brasil, 2007. [Consult. Setembro 2008]. Disponível em WWW: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02102007-141548/.